

As primárias e Tancredo

Alberto Carlos Almeida

Prévias ou primárias? Há um debate sobre a consulta para além dos filiados aos partidos ou restrita a eles, com defensores da realização de prévias para a escolha dos candidatos a presidente. Isto se aplica tanto à coalizão governista quanto a setores da oposição. Mas por que realizar prévias?

O debate tomou força depois que o cientista político Antônio Lavareda sugeriu à coalizão governista a realização de prévias, argumentando que elas dariam grande visibilidade nacional ao escolhido e fariam dele um candidato competitivo.

O argumento é verdadeiro. Os candidatos potenciais do governo – o ministro José Serra, o governador Tasso Jereissati, os ministros Pedro Malan e Paulo Renato ou qualquer outro que venha a figurar no elenco – têm hoje percentuais muito baixos nas pesquisas de opinião. A realização de prévias ou primárias daria exposição àqueles que as disputassem e elevaria seus índices nas pesquisas de intenção de voto.

A defesa das prévias, sob esse ponto de vista, encontra respaldo no que ocorre no país que as inventou: os Estados Unidos.

Lá – é farta a disponibilidade de dados a respeito – as prévias dão enorme impulso aos candidatos a candidato e o vencedor, logo em seguida, passa a ter um percentual significativamente mais elevado das intenções de voto, ainda que esse aumento seja temporário.

Todavia, as prévias fortalecem o candidato que as disputam mas mostram que, quando há acirramento, seu efeito é negativo para o candidato do governo – seja ele democrata ou republicano – e bom para o candidato da oposição.

Ou seja, primárias acirradas na oposição tendem a favorecer o candidato; na base governista, prejudicam.

Allan Lichtman, em seu *Keys to the White House* (*Chaves para a Casa Branca*), mostra que nos Estados Unidos, nas eleições presidenciais ocorridas entre 1860 e 1992, toda vez que o candidato do governo foi escolhido em primárias muito acirradas o governo acabou perdendo a eleição. Em tempos mais recentes, esses foram os casos de Gerald Ford e Jimmy Carter.

Já quando o candidato oposicionista foi escolhido em primárias disputadas, ele venceu em quase metade das disputas. Ou seja, há evidências vindas dos Estados Unidos de que primárias acirradas são boas para aumentar as chances da oposição e diminuir as possibilidades da situação.

Isso põe abaixo a estratégia de segmentos governistas de fazer primárias para melhorar a situação de seu candidato? Não necessariamente.

O sucesso dessa estratégia depende de primárias ou prévias controladas, sem disputa acirrada ou manobras que levem à divisão.

Ainda baseado na lição norte-americana, prévias pouco acirradas ocorrem na escolha do candidato governista quando o governo é muito popular, com elevados índices de aprovação. Pode não ser o caso do governo Fernando Henrique no próximo ano.

Concluindo, tomando-se os mesmos Estados Unidos que serviram de base para a recomendação de Antônio Lavareda à coalizão governista, se as prévias ou primárias ocorrerem e não forem controladas, o tiro pode sair pela culatra.

Como dizia Tancredo Neves, reunião só se faz quando tudo já está decidido.